a h
l m
www.ahlm.es

Pervivencia y Literatura:
documentos periféricos al texto literario

Coordinado y editado por
Carmen F. Blanco Valdés y Elisa Borsari

cilengua

SAN MILLÁN DE LA COGOLLA
2023

a h
l m
www.ahlm.es

IMAGENS E IMAGINÁRIO NO MS. DA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA DA *CRÓNICA DE 1344*[*]

Isabel Barros Dias
Universidade Aberta e IELT / IEM (NOVA-FCSH)

O manuscrito da segunda redação da *Crónica de 1344* existente na Academia das Ciências de Lisboa (ms. 1 Azul) é um códice ampla e ricamente iluminado, escolhido por Lindley Cintra como o texto-base da sua edição da *Crónica de 1344*[1]. Na introdução a esta ed. crítica, Cintra data o manuscrito de inícios do século xv, associando-o ao círculo do rei D. Duarte, cuja biblioteca terá integrado[2], e traça a respetiva trajetória, desde a segunda metade do séc. xvi, momento a partir do qual existe documentação que o refere, até à sua aquisição pela Academia das Ciências de Lisboa, onde atualmente se encontra (Cintra 1951: CDXCIX).

* Este trabalho integra-se no projeto *Castilla y Portugal en la Baja Edad Media: contactos sociales, culturales y espirituales entre dos monarquías rivales (s. XIII-XV)* – referência PID2020-114722GB-100 – Agencia Estatal de Investigación (AEI), Ministerio de Ciencia e Innovación, del Gobierno de España. Agradeço a Adelaide Miranda a partilha das imagens do ms. 1 Azul, obtidas no quadro do projeto IMAGO (POCTI/EAT/45922/2002), sediado no IEM entre 2005 e 2009, bem como à Academia das Ciências de Lisboa, pela autorização para a respetiva publicação.

1. Cintra (ed.) (1954, 1961 e 1990 – t. II, III e IV). O ms. da Academia das Ciências é descrito no t. I, «Introdução» (1951: CDXCIII-DI).
2. Cintra, concordando com a anterior proposta de J. J. Nunes (que notou semelhanças entre este ms. e outros saídos do *scriptorium* de D. Duarte), associa o códice à biblioteca de D. Duarte, afirmando: «o facto […] de, na lista dos *Livros que tinha el rey dom Duarte*, aparecerem duas *Coronicas de Espanha*, uma delas a par de uma *Coronica de Portugal*, a outra, seguida da indicação "em cadernos". A primeira pode ter sido este manuscrito, do qual se separou, como dissemos, a *Crónica de Portugal*, a segunda, o original "em cadernos" de onde este manuscrito foi copiado. // Estes indícios importantes, se nada nos permitem afirmar com absoluta segurança, permitem-nos, contudo, supor com grande probabilidade que o códice L foi escrito pelos escrivães da câmara de D. Duarte e decorado pelos seus iluminadores, nas primeiras décadas do séc. xv, e que na biblioteca régia se conservou durante algum tempo.» (1951: CDXCVIII).

a h
l m
www.ahlm.es

O texto que o ms. contém apresenta algumas lacunas, das quais a mais importante é a ausência da história dos reis de Portugal (Cintra 1951: DI). Apesar de no texto se referir que essa matéria seria transferida para o final do volume, o certo é tal não se verifica, o que indica que o plano inicial terá sido alterado no sentido da autonomização desta história num volume separado, o que tem sido articulado com a nomeação de Fernão Lopes como guarda-mor da Torre do Tombo (desde c. 1418) e com a formação da *Crónica de 1419*[3]. O facto de ter sido D. Duarte quem encomendou a Fernão Lopes a redação das crónicas do reino prova o interesse deste soberano pela História[4]. Acresce a verificação do uso deste códice no *Livro dos Conselhos* (Nascimento 2019). Assim, e tal como tem sido aceite por vários investigadores, D. Duarte parece perfilar-se como o mais possível patrocinador desta obra[5]. No entanto, a falta de documentação que certifique quem realizou a encomenda deixa espaço para a consideração de outras possibilidades que têm recentemente sido apresentadas[6].

Dado tratar-se de um códice de aparato, o ms. de Lisboa da *Crónica de 1344* constitui um objeto de estudo especialmente rico, que tem chamado a atenção de investigadores de diferentes áreas. Um destaque especial vai para os historiadores de arte, que têm estudado o programa iconográfico do códice[7], contudo, a fonte também tem sido abordada desde o ponto de vista da História do Livro e da Literatura[8]. O que os estudos já realizados também demonstraram foi a riqueza acrescida que constitui a consideração, do texto pelos historiadores de arte, e da

3. Ver Tibúrcio (2016: 87-88). Sobre a *Crónica de 1419*, ver Amado (1999) e Moreira (2013).
4. Sobre o interesse de D. Duarte pela História, em articulação com o seu perfil e projetos pessoais, ver Amado (1999).
5. Nomeadamente Cintra, na passagem citada na nota nº 2 e Tibúrcio (2015: 156).
6. Rodríguez Porto (2016) sugere a possibilidade de o códice ter sido encomendado pela própria rainha D. Leonor e Pandiello (2016b) defende a possibilidade de ter sido o infante D. Pedro quem patrocinou a realização da obra, tendo o códice sido uma oferta do regente à rainha D. Leonor.
7. Nomeadamente Peixeiro, Tibúrcio, Rodríguez Porto e Pandiello. Estes estudos tanto identificaram oscilações como coerências no programa decorativo –Peixeiro (2009) considera que se trata de um programa não unitário; Tibúrcio (2016) defende a coerência da decoração executada—; procuraram datar a sua realização —Peixeiro (2009) considera que a decoração foi realizada após a redação do texto, em meados do séc. xv; Tibúrcio (2018) considera que as iluminuras são dos anos 1420/30—; contextualizaram comparativamente o códice —para além da questão das semelhanças com outros códices saídos do *scriptorium* régio dos Avis, já referidas na nota nº 2, Rodríguez Porto (2016) sublinha as diferenças existentes entre o programa iconográfico deste ms. e outros ms. afonsinos e pós-afonsinos— e identificaram linhas temáticas predominantes, como a exaltação do rei e da soberania (Peixeiro, 2009) ou a atenção dada a exemplos de comportamentos femininos (Pandiello 2016b).
8. Nascimento (2019) aborda as características do códice e faz um detalhado percurso pela sua história e pelos estudos já realizados a seu respeito; Amado (1999-2000) estuda a relação entre texto e imagem em cinco pontos específicos do ms. da Academia das Ciências.

a h
l m
www.ahlm.es

imagem pelos estudiosos de literatura. Com efeito, a abordagem interdisciplinar adquire uma pertinência suplementar para a leitura de manuscritos iluminados, dadas as relações que se podem estabelecer (ou não) entre texto e imagem. O estudo que se segue insere-se nesta linha, com a particularidade que terá em consideração, não só as possíveis relações texto/imagem internas e específicas do próprio ms., mas procurará ainda ter em conta o universo cultural e literário da época e o seu eventual reflexo ou interferência no diálogo que a imagem estabelece com o texto que ilustra. Assim, a perspetiva adotada neste artigo conjuga, por um lado, e em termos mais latos, o quadro teórico dos Estudos sobre o Imaginário, ao procurar ter em consideração as estruturas mentais e relacionais próprias da época e que terão sido relevantes para aquela sociedade[9] e, pelo outro lado, e em termos mais restritos, os estudos que têm sido desenvolvidos sobre a leitura e a memória no período medieval, com destaque para o trabalho precursor de Henri de Lubac (1959, 1961, 1963)[10], para os estudos mais recentes de Mary Carruthers (1992, 1998, 2002)[11], e sem esquecer, em Portugal, o contributo de Nascimento (2001)[12]. O nosso estudo insere-se, assim, na linha das leituras que partem do texto para considerar a relação texto / imagem (caso do estudo de Amado 1999-2000) e das que têm em conta o binómio imagem / memória (como Tibúrcio 2015). No que se refere a este último trabalho, coincidimos com esta autora quanto à integração do manuscrito da Academia das Ciências de Lisboa no quadro da educação moral, ideológica, cultural e política da nobreza sob os Avis (Tibúrcio 2015: 158), bem como na consideração dos desenhos mais elaborados, situados sobretudo na parte de baixo de algumas páginas, como *imagines rerum* (Tibúrcio 2015: 161); divergimos, no entanto, quando a autora afirma, sobre as imagens figurativas: «que englobam figuras humanas e fantásticas decorando margens e iniciais, e que não correspondem a nenhuma tipologia definida

9. Sobre os Estudos sobre o Imaginário, respetivas linhas-mestras e níveis estruturais, ver Thomas (1998) e Godinho (2016).
10. O magno estudo de Lubac sobre os quatro sentidos da Escritura/escrita no período medieval, marcando níveis de leitura, da mais básica e literal até à mais profunda e meditativa, é de importância fundamental para o entendimento da cultura medieval.
11. Dos estudos de Mary Carruthers sublinha-se, para efeitos do presente trabalho, a ideia de que a memória conjuga arquivo e lembrança; a noção de *cogitatio* com base em *topica* (providenciando conteúdo e estrutura ao pensamento); ou ainda a conceção da página escrita como auxiliar de memória verbal e visual (instrumento mnemónico).
12. Apesar de o artigo de Nascimento (2001) se referir maioritariamente a mss. de temática religiosa, consideramos que a perspetiva adotada pode ecoar no estudo aqui desenvolvido, nomeadamente o entendimento de «texto e imagem como dois registos articulados de um todo» (p. 12) e a consideração de que a imagem não é nem neutra, nem banal, podendo promover o alargamento da leitura, o que implica que a sua consideração como mero adorno seja redutora.

a h
l m
www.ahlm.es

por Mary Carruthers» (Tibúrcio 2015: 163)[13]. Com efeito, independentemente de alguma ausência de significado poder ser atribuída às páginas decoradas com simples imagens vegetalistas, tal não deve ser generalizado. Assim, nos casos a seguir estudados, olhamos para a imagem transmitida pelo livro aberto num determinado ponto, de modo integrado, procurando ler em profundidade o que é transmitido, na convicção de que algumas imagens agora habitualmente descartadas como não significativas, na época, poderiam ser relevantes e despoletar reflexões adicionais.

1. Falecimento e funeral de Fernando I (ff. 198v-199r)

Imagens 1-2 – ff. 198v-199r do ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa

13. A tipologia aqui referida consiste na distinção entre *imagines verborum*: «One of the continuing themes in medieval manuscript illumination is the use of what some art historians call "word-pictures", or images that cue the text they accompany. The technique seems to me clearly related to the practice of making mnemonic *imagines*» (Carruthers 1992: 226) e *imagines rerum*: «Some are "imagines rerum", related to the content in a way that we seem to recognize easily» (Carruthers 1992: 229).

a h
l m
www.ahlm.es

A ilustração do funeral de Fernando I é uma imagem descritiva que já foi estudada por vários investigadores, nomeadamente Teresa Amado (1999-2000: 40-41) que refere a solenidade da procissão como reflexo da vida exemplar do rei (em detrimento das turbulências ocorridas nos seus últimos momentos), identifica as figuras proeminentes do cortejo fúnebre e interpreta o movimento que sai do castelo para a Igreja de Sto. Isidoro como representação da passagem da vida para a morte. Já Pandiello (2016a), analisando a mesma imagem, sublinha o elogio à monarquia e ao rei, bem como a intenção de marcar a vitória da soberania e da linhagem sobre a morte. Estes estudos centram-se, exclusivamente, na imagem mais complexa, situada no final do f. 199r do ms. da Academia das Ciências, que retrata o funeral do rei, sem a articular com o seu contexto decorativo, ou seja, o conjunto que o livro aberto nos ff. 198v e 199r nos apresenta, leitura que agora se pretende empreender.

Para esta leitura socorremo-nos de dois trabalhos anteriores (Dias 2005 e 2016) em que, primeiro, identificámos uma tendência da segunda redação da *Crónica de 1344* que consiste na amplificação de passagens onde um soberano aconselha o(s) seu(s) sucessor(es) relativamente ao modo como se devem comportar (e que, na altura, apelidámos de breves *specula principum*) o que nos levou posteriormente a considerar o pendor didático como uma característica desta redação, entre outras especificidades. Ao anteriormente referido, acresce o facto de o rei D. Duarte (patrono? primeiro possuidor?) ser manifestamente um rei preocupado com questões éticas, morais, comportamentais… o que é patente, tanto na sua obra, nomeadamente no *Livro dos Conselhos* e no *Leal Conselheiro*, que reúnem notas e reflexões introspetivas de utilidade para soberanos e nobres; como nos livros existentes na sua biblioteca, onde a literatura didática marca presença, com destaque para dois «Regimentos de Príncipes»[14]. Assim, procurámos verificar até que ponto as imagens existentes nos ff. 198v e 199r poderão refletir estas preocupações, o que consideramos que acontece. Com efeito, uma das passagens de aconselhamento amplificadas na segunda redação da *Crónica de 1344* é proferida precisamente pelo rei Fernando I no seu leito de morte, o que nos permite colocar a hipótese de as duas páginas em estudo poderem constituir um estímulo à reflexão sobre o bom governo em articulação com a questão da fugacidade da vida.

Os antecedentes castelhanos da crónica portuguesa pouco ou nada se referem aos conselhos que Fernando I teria dado aos seus filhos[15]. Na primeira redação

14. O inventário dos livros de D. Duarte está publicado, como anexo, em Nascimento (2012: 264-266).
15. Considerámos a «versão crítica» (Campa Gutiérrez (ed.) 2009: cap. CCXXXVII), a «versão amplificada» (Menéndez Pidal (ed.), 1977: t. II, cap. 813) e a *Crónica de Castilla* (Rochwert-Zuili

a h
l m
www.ahlm.es

da *Crónica de 1344*, o tema do aconselhamento é um pouco mais desenvolvido[16], atingindo, no entanto, a sua maior amplitude na segunda redação da crónica:

> —[…] Porẽ vos rogo, meus filhos, que sempre vos ajades bem cõ os fidalgos das vossas terras, fazendolhes sempre bem e mercee, e outrossi a todollos outros homẽes que vollo forem demãdar, ca nõ cõvem aos reis seer de avarẽtos coraçõoes. E esto meesmo fazede aos pobres das vossas villas e cidades. Amade os vossos poboos nõ lhes fazendo sem razon, ca todos me serviron mui bẽ e ajudarõ a guaanhar a terra que a vos outros fica. Seede sesudos e temperados, muy sofrudos e esforçados nas batalhas, e muy francos em partyr vosso aver. Seede mesurados e de boa palavra e bem recebentes. Honrrade os estrãjeiros. Seede muy verdadeiros, castos e temperados e fiees cathollicos, filhos obedientes na santa fe do Nosso Senhor Jhesu Cristo. Deffendede bem vossos reinos aos mouros e tomade os seus. E amadevos todos tres e avede paz e cõcordia (Cintra ed. 1961, t. III: 346-47)

No códice da Academia das Ciências de Lisboa, esta passagem encontra-se nas colunas a-b do f. 198v. Para além da imagem do funeral, no rodapé do f. 199r, este f. apresenta, na sua margem esquerda, uma sequência de figuras de pombas e falcões, bem como um cisne numa inicial de capítulo. A recorrência de aves na decoração da página sugere-nos o recurso ao *Livro das Aves* como chave de leitura. Trata-se de uma obra bastante popular na Europa e também em Portugal, onde existia nos cenóbios mais importantes do reino, pois chegaram até nós três exemplares em latim, ilustrados, provenientes dos mosteiros de Lorvão, de Santa Cruz de Coimbra e de Alcobaça, ao que acresce um exemplar em português vernáculo[17]. Além disto, e como já notou Nascimento (2001: 17) esta obra reconhece explicitamente o «valor didático e instrumental da imagem»[18].

(ed.) 2010: cap. 27-28 do reinado de Fernando I, el Magno). O aconselhamento ou se resume a uma frase, inclusivamente descartando o papel de conselheiro para o Cid, ou nem consta. O episódio centra-se na divisão do reino pelos filhos e na entrega de territórios às filhas. Em alguns casos há referências aos desacatos e às comoções que rodearam os últimos momentos do rei. O episódio termina com as promessas de não agressão entre os filhos acrescidas da bênção / maldição do rei relativamente a quem cumprir / não cumprir o prometido.

16. Veja-se o ms. da primeira redação da *Crónica de 1344*: ms. 2656 da Univ. Salamanca, f. 216r a-b.
17. Os ms. dos *Livros das Aves* portugueses, em latim, são os seguintes (por ordem cronológica): 1) Lorvão (1184), atualmente no Arquivo Nacional da Torre do Tombo, ms. 90; 2) Santa Cruz de Coimbra (de finais do séc. XII – in. do XIII), atualmente na Biblioteca Pública Municipal do Porto, ms. 43, ff. 89-110v; 3) Alcobaça (finais do séc. XIII – in. do XIV), atualmente na Biblioteca Nacional de Lisboa, Alc. 238, ff. 202v-227. A edição e tradução do texto desta obra é de Gonçalves (1999). Do ms. em português, do séc. XIV, subsistem 9 ff., atualmente na Biblioteca da Universidade de Brasília (setor Obras Raras), tendo o seu texto sido editado por Rossi (1965).
18. Diz-se no Prólogo do *Livro das Aves*: «aquilo que o espírito dos simples dificilmente conseguiria alcançar com os olhos do entendimento, poderá, pelo menos, percebê-lo com os do corpo; e a vista

a h
l m
www.ahlm.es

O *Livro das Aves* começa precisamente com uma digressão sobre a pomba e o falcão, simbolicamente articulados com a oposição entre a vida do clero e a da milícia secular, considerando-se a pomba superior ao falcão, ou seja, defendendo-se a preeminência da vida religiosa relativamente à secular, questão que se articula com o movimento da procissão que sai do palácio e se dirige para a igreja, tal como notado por Teresa Amado. Voltando às aves representadas nos ff. 198v-199r do ms. da Academia das Ciências, no que se refere ao cisne, o *Livro das Aves* associa-o precisamente ao despojar das glórias do mundo no momento da morte, podendo, por conseguinte, ser entendido como um estímulo a reflexões sobre a negatividade da vida fútil:

> muitos cisnes voam para junto de citaredos e cantam acompanhando bem o ritmo, porque aqueles que ardentemente anseiam por prazeres estão em harmonia com os libidinosos, como que voando para junto deles. Mas diz-se que no fim, quando o cisne morre, canta, ao morrer, com muita doçura. De igual modo, quando deixa esta vida, o soberbo ainda se deleita com a doçura deste mundo e, ao morrer, relembra o que fez de mal. Ora, quando o cisne é despojado das penas brancas, assa-se ao lume, posto num espeto. Também quando, ao morrer, o rico soberbo é despojado da glória do mundo, ao descer às chamas do Inferno, é torturado com suplícios; e ele, que costumava procurar alimento nos fundos, torna-se alimento do fogo, ao descer às profundezas (Gonçalves ed.: 159).

No f. 198v temos mais um conjunto de aves que se entrelaçam com três figuras nuas que, pelo número, podemos associar aos três irmãos, filhos de Fernando I e, pela nudez, ao tema da morte. As aves representadas caracterizam-se por terem pernas e bicos longos. Estas particularidades são compatíveis com três espécies presentes no *Livro das Aves*: o grou, a cegonha e a garça. Alguns atributos associados a estas espécies poderão ser significativos, nomeadamente, o facto de voarem em bando, assemelhando-se a uma formação militar (grou e cegonha); de darem especial atenção à proteção das suas crias (cegonha e garça); de partilharem a liderança e responsabilidade no grupo (grou). Em suma, trata-se de aves que, simbolicamente, se associam a práticas militares e a uma atuação conjunta, podendo remeter para a necessidade de os três irmãos serem prudentes e partilharem o poder sem se agredirem mutuamente o que, como a história posterior demonstrou, não se verificou.

Finalmente, a margem direita apresenta um conjunto de cinco medalhões. Dois têm imagens humanas. No canto inferior direito, vemos duas pessoas, um

perceberá aquilo que o ouvido entenderia a custo. Não quis apenas pintar a pomba dando-lhe forma, mas também descrevê-la por palavras, para elucidar a pintura por meio da escrita: que ao menos agrade a moralidade da escrita a quem não agradar a simplicidade da pintura.» (Gonçalves ed.: 59).

a h
l m
www.ahlm.es

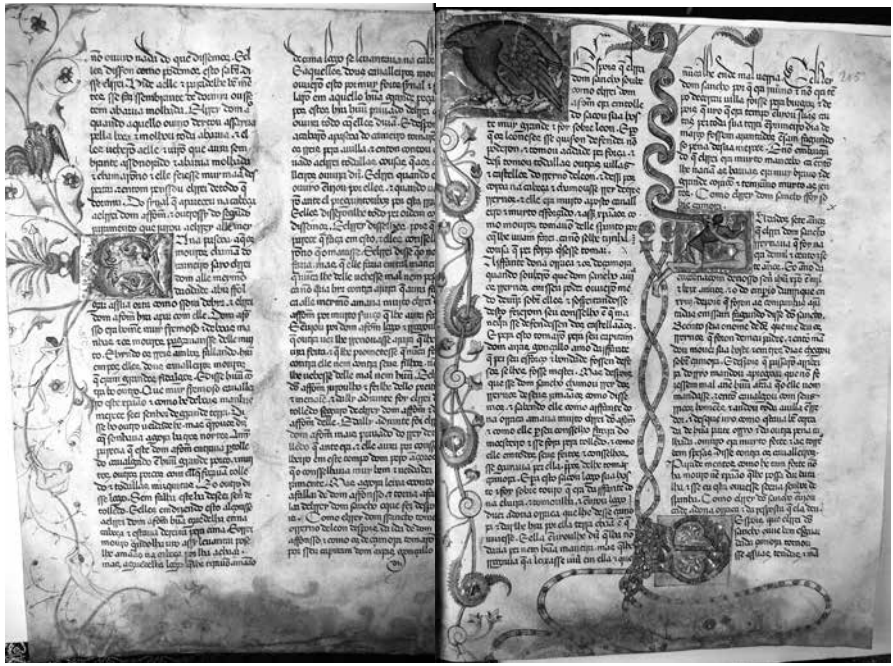
velho que coloca a mão direita sobre a cabeça de um jovem, o que pode remeter para a bênção de Fernando I a Afonso VI. Ao meio, vê-se um jovem enredado numa cobra, talvez uma imagem de Hércules criança. Sendo Hércules uma figura tutelar da história peninsular, a eventual alusão a esta figura, nesta página, é significativa. Na história mítica do passado ibérico, Hércules surge como o primeiro unificador da península[19], facto que tem justificado a sua reiterada presença no programa iconográfico do ms. da *Crónica de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa[20]. Assim, uma remissão para esta figura, no momento da crónica em que a Península é dividida, pode ser entendido como um alerta para a situação ideal de unificação, em oposição a momentos de partição territorial. Indo um pouco mais longe, podemos pensar numa associação a Afonso VI, que foi primeiramente rei de Leão mas que, posteriormente, conseguiu unificar a maior parte da Península. Para além disto, Afonso VI foi também o reconquistador de Toledo, uma cidade estreitamente ligada à atuação de Hércules no passado ibérico, que a assinalou com a implantação de uma casa maravilhosa. Finalmente, tal como Hércules se libertou das serpentes de Hera, Afonso VI também saiu incólume dos confrontos e ciúmes que opuseram os seus irmãos, entre si e contra ele. Os restantes medalhões à direita do f. 199r são ocupados por três animais: um leão, uma águia e um urso que combate um ser humano, ou seja, três animais poderosos e associados à soberania[21], o que poderá constituir um estímulo acrescido à reflexão sobre a realeza e o bom governo.

Em suma, as imagens que compõem os ff. 198v-199r do ms. da Academia das Ciências de Lisboa parecem ser coerentes quando lidas de forma integrada, podendo ser entendidas, na sua globalidade, como estímulos que apontam para reflexões sobre a fugacidade da vida e suas incertezas, a morte e a soberania. O recurso aos significados veiculados pelo *Bestiário* e, dentro deste, pelo *Livro das Aves*, enquanto chaves de leitura, afigura-se fundamental. Trata-se de obras que faziam parte das leituras e da cultura geral da época. A presença de elementos que remetem para figuras aí presentes podem assim ser entendidas como chamamentos para linhas de pensamento e constelações do imaginário partilhado pelos elementos de uma mesma sociedade.

19. Sobre este assunto, veja-se Nascimento (1994), Dias (1998) e Miranda (2015 e 2017).
20. A recorrência da presença de Hércules no programa figurativo do ms. da Academia das Ciências de Lisboa da *Crónica de 1344* foi sublinhada, primeiramente, por Peixeiro (2009: 157-159). Nascimento (2019) debruça-se sobre a letrina que inicia o 1º capítulo da crónica, lendo as suas imagens em articulação com o mito de Hércules. Veja-se também Rodríguez Porto (2017).
21. Sobre este assunto, ver Pastoureau (2007 e 2011).

a h l m
www.ahlm.es

2. A embaixada do Cid a Zamora e à infanta Urraca (ff. 204v-205r)



Imagens 3-4 – ff. 204v-205r do ms. 1 Azul da Academia das Ciências de Lisboa

Considerando agora o ms. aberto nos ff. 204v-205r, sobressaem três iniciais que podem ser lidas em consonância com os capítulos a que se associam. No f. 204v, o início do cap. CDXCI, «Do synal que apareceu na cabeça a el rei dom Affomso e outrossy do segũdo juramento que jurou a el rey Alle Meymom» é marcado por uma figura masculina seminua, com os braços estendidos, assemelhando-se a uma posição de martírio, o que poderá ser associado à fase mais dramática da vida de Afonso VI, exilado em terras de mouros. Na lateral deste f., três figuras nuas recordam-nos as imagens do f. 198v, podendo remeter para os três irmãos em confronto. Já a presença de um galo no canto superior esquerdo deste f., ave que no *Livro das Aves* é associada à inteligência, à pregação e ao renascer do dia (Gonçalves (ed.) 1999: 111-115), introduz um significativo traço solar e de renovação.

O cap. CDXCII «Como el rey dom Sancho tomou o reyno de Leon, despois da ida de dom Affonsso; e como os de Çamora tomarõ por seu capitam dom Airas Gonçallo» é seguido, já no f. 205r, pela imagem de uma águia que ataca e

a h
l m
www.ahlm.es

fere um animal terrestre, provavelmente uma raposa, eventualmente um lobo ou um cão. Interpretando-se como um cão, animal que, de acordo com o bestiário que integra as *Etimologias* de Santo Agostinho (Oroz Reta e Marcos Casquero (ed.) 1982, vol. II: 75), representa a fidelidade, a imagem pode estimular reflexões sobre a aniquilação da fidelidade por Sancho II, nomeadamente no que se refere à sua atuação para com os irmãos e para com o Cid. Lendo-se como um lobo, de acordo com a mesma fonte, este caracteriza-se pela rapacidade e sede de sangue (Oroz Reta e Marcos Casquero (ed.) 1982, vol. II: 75), o que permite uma articulação com a situação de guerra entre os irmãos. Entendendo-se como uma raposa, que é vista como um animal volúvel e matreiro (Oroz Reta e Marcos Casquero (ed.) 1982, vol. II: 75), podemos pensar numa alusão à vítima de Sancho II, Urraca, que, pela traição, conseguirá preservar-se e aniquilar o seu agressor.

A imagem que, no entanto, mais sobressai neste conjunto é a que, no f. 205r, inicia o cap. CDXCIII, «Como el rey dom Sancho foy sobre Çamora» e que apresenta um casal amorosamente envolvido. A seu respeito, Peixeiro (2009: 174) salientou o contraste entre o texto (que só refere uma amizade entre o Cid e a infanta Uraca, justificando-a com o facto de terem sido criados juntos) e o erotismo da imagem. Tibúrcio (2015: 168-169 e 2016: 96) apresenta esta imagem como um exemplo de ilustração que não tem que ver com o texto uma vez que a crónica não refere fervores amorosos, considerando ainda que se trata de um caso representativo das intenções subversivas do iluminador.

A ilustração ganha, no entanto, um significado mais amplo se considerarmos a fama de costumes menos castos que Urraca de Zamora tinha, o que certamente seria do conhecimento geral, em ambiente cortês, tal como registado em algumas crónicas ainda que de forma relativamente ambígua[22]. Igualmente velados são os ecos desta fama que reencontramos no romanceiro tradicional, na seguinte composição, que poderá ter ido buscar o tema ao cantar de gesta perdido conhecido como *Cantar del Rey dom Sancho* / *Cerco de Zamora*:

22. A fama negativa de Urraca de Zamora decorre de vários elementos, com destaque para as muitas insinuações que apontam para algum desregramento sexual. Veja-se a resposta sugestiva dada a Velido Dolfos: «digote que non a omne en el mundo que a mio hermano tolliesse de sobre Çamora et me la fiziesse descercar que yo non le diesse quequier que me demandasse.» (Menéndez Pidal (ed) 1977, t. II: 510a), ou a crítica à sua proximidade com o irmão, Afonso VI: «Este rey don Alffonso luego en comienço de su regnado, mando llamar a su hermana donna Vrraca, et por que era ella muy sesuda duenna et de muy buen entendimiento, fazie el con conseio della quanto auie de fazer et de enderençar en el regno; pero que gelo tenien todos por non bien, cal estaua mal.» (Menéndez Pidal (ed) 1977, t. II: 520a). Esta crítica é relativamente ambígua, pois pode referir-se ao facto de um rei adulto não se dever deixar guiar por uma mulher, podendo também sugerir a reprovação de um relacionamento moralmente duvidoso que teria unido os dois irmãos. Sobre este assunto, ver Reilly (1988: 74) que refere as suspeitas de incesto entre Afonso VI e Urraca, salientado a inexistência de provas convincentes. Ver ainda Ratcliffe (1995), que refere a questão de uma ligação também com o Cid.

a h
l m
www.ahlm.es

A fuera a fuera Rodrigo el soberuio Castellano
acordarse te deunia [*sic*] de aquel tiempo ya passado
quando fuiste cauallero en el altar de Santiago
quando el rey fue tu padrino tu Rodrigo el ahijado
mi padre te dio las armas mi madre te dio el cauallo
yo te calce las espuelas porque fuesses mas honrrado
que pense casar contigo mas no lo quiso mi pecado
(Nucio *apud* Fontes: 2005-06)

Manuel da Costa Fontes (2005-06) estuda este poema específico salientando os seus possíveis duplos sentidos eróticos e a possibilidade da sua interpretação como uma briga de antigos amantes. Esta leitura tem por base, por um lado, o uso de algum vocabulário recorrente em poemas eróticos e, pelo outro lado, os boatos que corriam sobre Urraca, nomeadamente quanto ao seu eventual oferecimento a Velido Dolfos e a possibilidade de uma relação incestuosa com o seu irmão Afonso (futuro Afonso VI) e de outra com o Cid (pp. 99-100). Assim, se considerarmos estes rumores, a imagem que encontramos no ms. da Academia das Ciências de Lisboa assume contornos de referência intertextual, transmissora de um exemplo de comportamento reprovado, mas sempre facilmente reconhecida pelos leitores da época. Neste caso, a imagem vem adensar o significado do texto, graças a uma projeção que remete para o universo literário e cultural exterior ao texto que ilustra. Ou seja, a imagem aponta para uma informação ausente do texto, mas que seria suficientemente conhecida para a sua recordação ser despoletada pela visualização da figura. Acresce o facto de esta imagem se situar cronologicamente num momento posterior ao desaparecido cantar e anterior à fixação do tema no Romanceiro, o que permite a sua valorização como indício claro de uma existência (ou permanência), num período temporal para o qual não existem outros testemunhos. Trata-se de um caso de evidente intertextualidade, estabelecida por meio de uma imagem, à qual podemos aplicar a feliz expressão de Rodríguez Porto (2016: §17) quando refere a possibilidade de as imagens funcionarem como «relato paralelo» ou «glosas visuais ao texto».

As imagens estudadas apresentam-se assim com uma função que vai bastante além da mera decoração, pois apontam para dimensões reflexivas complementares à leitura do texto escrito, estimulando associações de ideias de vários tipos, no quadro do imaginário cultural da época. No primeiro caso que abordámos, verifica-se uma estreita coerência ideológica entre texto e imagem. A *amplificatio* que a segunda redação da crónica portuguesa efetua dos conselhos dados por Fernando I aos seus filhos ecoa na narrativa complexa que o códice aberto transmite, refletindo os conteúdos textuais, mas adensando-os, com camadas de sentido que estimulam reflexões sobre a vida, a morte e o bom governo. No segundo

a h
l m
www.ahlm.es

caso, para além da sintonia entre as narrativas textual e pictórica, sobressai a remissão intertextual para a tradição da existência de um relacionamento entre o Cid e Urraca de Zamora. Apesar de tal não ser assumido no texto da crónica, é explicitado na imagem alusiva a um assunto que seria do conhecimento geral, condicionando assim a leitura do texto e sublinhando o caráter reprovável da infanta. Os dois exemplos estudados têm em comum, por um lado, o reforço do caráter didático do texto, apresentando modelos de comportamento, tanto positivos, como negativos, a seguir ou a repudiar, tal como preconizado no prólogo da própria crónica[23], e, pelo outro lado, o seu funcionamento como *loci* mnemónicos que projetam o leitor para significados complementares, estimulando reflexões e associações de ideias (*imagines verborum*) que vão condicionar a exegese do texto. Por conseguinte, estas imagens não podem ser consideradas como marginais, mas sim como camadas suplementares de sentidos, que se articulam com o plano da escrita, conjugando-se estes níveis com vista ao encaminhamento do leitor para o bom entendimento da(s) mensagem(ns) a transmitir.

Referências bibliográficas

Amado, Teresa (1999-2000), «As Imagens e o Texto Manuscrito Iluminado da *Crónica Geral de Espanha de 1344*», *Ariane. Revue d'études littéraires françaises*, 16, pp. 35-49.

Amado, Teresa (1999), «O projecto histórico de um infante», em Isabel Hub Faria (org.), *Lindley Cintra. Homenagem ao Homem, ao Mestre e ao Cidadão*. Lisboa: Cosmos-FLUL, pp. 303-309.

Campa Gutiérrez, Mariano de la (ed.) (2009), *La Estoria de España de Alfonso X. Estudio y edición de la Versión Crítica desde Fruela II hasta la muerte de Fernando II*. Málaga: Universidad de Málaga.

Carruthers, M. (1992), *The book of Memory: a Study of Memory in Medieval Culture*. Cambridge: University Press.

Carruthers, M. (1998), *The Craft of Thought: Meditation, Rhetoric, and the Making of Images, 400-1200*. Cambridge: University Press.

Carruthers, M. (2002), *The Medieval Craft of Memory: An Antology of Texts and Picture*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press.

23. Ecoando a máxima ciceroniana *historia magistra vitae*, e na sequência das fontes cronísticas a que recorreu, lemos no prólogo da segunda redação da *Crónica de 1344*: «e escreverõ outrossy as estorias dos principes, assy dos que bem fezerom como dos que fezerom o contrayro, por que os que despois veessen trabalhassem de fazer ben per exemplo dos bõos e que pelo dos maaos se castigassem.» (Cintra ed., t. II, 1954: 5).

Cintra, Luís Filipe Lindley (ed.) (1951 t. I – Introd.; 1954, 1961 e 1990 t. II, III e IV – ed.), *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Lisboa: IN-CM.

Crónica de 1344 – ms. 2656 da Universidad de Salamanca.

Dias, Isabel Barros (1998), «Le duel des géants», em Rosanna Brusegan, Alessandro Zironi, Anne Berthelot e Danielle Buschinger (eds.), *L'Antichità nella Cultura Europea del Medioevo – L'Antiquité dans la Culture Européenne du Moyen Age.* Greifswald: Reineke-Verlag, pp. 195-205.

Dias, Isabel Barros (2005), «Modelos teóricos e descrições aplicadas: imagens de soberanos na cronística ibérica de inspiração afonsina (sécs. xiii-xiv)», em Ana Sofia Laranjinha e José Carlos Ribeiro Miranda (eds.), *Modelo. Actas do V Colóquio da Secção Portuguesa da AHLM*. Porto: FLUL, pp. 117-128.

Dias, Isabel Barros (2016), «The Redactor of the Second Version of the *Chronicle of 1344*: Initial Traits for the Drawing up of a "Facial Composite"», *Portuguese Studies*, 32/1, pp. 7-22.

Fontes, Manuel da Costa (2005-2006), «Afuera, afuera, Rodrigo: uma reinterpretação», *ELO*, 11-12, pp. 97-112.

Godinho, Helder (2016), «Sobre a Ausência», *Cadernos do CEIL*, 3, pp. 21-28 Em linha: <https://ielt.fcsh.unl.pt/wp-content/uploads/2018/03/ausencia--numero-3-julho-2016.pdf> [consulta: 20/1/2022].

Gonçalves, Maria Isabel Rebelo (ed. e trad.) (1999), *Livro das Aves*. Lisboa: Colibri.

Lubac, Henry de (1959, 1961, 1963), *Exégèse Médiévale. Les quatre sens de l'écriture*. Paris: Aubier.

Menéndez Pidal, Ramón (ed.) (1977), *Primera Crónica General de España*. Madrid: Gredos.

Miranda, José Carlos Ribeiro (2015), «A *Crónica de 1344* e a *General Estoria*: Hércules e a fundação da monarquia ibérica», em Marta Haro Cortés (dir.), *Literatura y ficción: «estorias», aventuras y poesía en la Edad Media*. I. Valencia: Publicacións de la Universitat de Valencia, pp. 209-224

Miranda, José Carlos Ribeiro (2016), «A *Crónica de 1344* e a escrita profética», *e-Spania*, 25. DOI: https://doi.org/10.4000/e-spania.26194

Moreira, Filipe A. (2013), *A Crónica de Portugal de 1419: fontes, estratégias e posteridade*. Lisboa: FCG-FCT.

Nascimento, Aires A. (1994), «O mito de Hércules: etimologia e recuperação do tempo antigo na historiografia hispânica medieval», *Humanitas*, 47, pp. 671-184.

Nascimento, Aires A. (2001), «Texto e imagem: autonomia e interdependência em processo de leitura», em António Branco (coord.), *Figura. Actas do II Colóquio da Secção Portuguesa da Associação Hispânica de Literatura Medieval*. Faro: DLCM-FCHS-UAlg, pp. 9-86.

a h
l m
www.ahlm.es

Nascimento, Aires A. (2012), «As livrarias dos Príncipes de Avis», em *Ler contra o tempo*, I. Lisboa: Centro de Estudos Clásicos, pp. 249-267.

Nascimento, Aires A. (2019), «Crónica (Geral) de Espanha de 1344: o códice medieval da Academia das Ciências de Lisboa, – em encadernação recuperada e em revisitação de leituras» – conferência apresentada na Academia das Ciências de Lisboa a 28/02/2019 [texto oferecido pelo autor].

Oroz Reta, José; Marcos Casquero, Manuel-A. e Díaz y Díaz, Manuel C. (ed. e introd.) (1982), San Isidoro de Sevilla, *Etimologías*. Madrid: BAC.

Pandiello, María (2016a), «El triunfo del rey sobre la muerte. Estúdio iconográfico de dos funerales representados en la *Crónica Geral de Espanha de 1344*», em Joana Ramôa Melo e Luís Urbano Afonso (eds.), *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*. Lisboa: Artis / IHA-FLUL, pp. 75-86.

Pandiello, María (2016b), «Las imágenes de la *Crónica Geral de Espanha de 1344* (Ms. 1 Azul de la Academia das Ciências). Filiaciones artísticas y pautas iconográficas», *e-Spania*, 25. DOI: https://doi.org/10.4000/e-spania.25893

Pastoureau, Michel (2007), *L'ours. Histoire d'un roi déchu*. Paris: Seuil.

Pastoureau, Michel (2011), *Bestiaires du Moyen Âge*. Paris: Seuil.

Peixeiro, Horácio Augusto (2009), «Imagem e Tempo. Representações do Poder na *Crónica Geral de Espanha*», *Revista de História da Arte*, 7, pp. 153-177.

Ratcliffe, Marjorie (1995), «Urraca: de heroína épica a heroína romántica», em Juan Paredes (ed.), *Medioevo y Literatura – Actas del V Congreso de la Asociación Hispánica de Literatura Medieval*. Granada: Universidad de Granada, t. IV, pp. 113-122. Em linha: <https://www.ahlm.es/IndicesActas/ActasPdf/Actas5.4/11.pdf> [consulta: 20/1/2022].

Reilly, Bernard F. (1988), *The kingdom of León-Castilla under King Alfonso VI: 1065-1109*. Princeton: Princeton University Press.

Rochwert-Zuili, Patrícia (ed.) (2010), *Crónica de Castilla*. e-Spania books. DOI: https://doi.org/10.4000/books.esb.63

Rodríguez Porto, Rosa M. (2016), «La *Crónica Geral de Espanha de 1344* (ms. 1 A de la Academia das Ciências) y la tradición alfonsí», *e-Spania*, 25. DOI: https://doi.org/10.4000/e-spania.25911

Rodríguez Porto, Rosa M. (2017), «The Pillars of Hercules: The *Estoria de Espanna* (Escorial, Y.I.2) as a Universal Chronicle», em M. Campopiano e H. Bainton (eds.), *Universal Chronicles in the High Middle Ages*. York: York Medieval Press, pp. 223-253.

Rossi, Nino (ed. lit.) (1965), *Livro das Aves*. [Rio de Janeiro]: Instituto Nacional do Livro.

Thomas, Joël (1998). *Introduction aux Methodologies de l'Imaginaire*. Paris: Ellipses.

a h
l m
www.ahlm.es

Tibúrcio, Catarina (2016), «O manuscrito da *Crónica Geral de Espanha de 1344* da Academia das Ciências de Lisboa. Problematização em torno das questões da origem e da execução», em Joana Ramôa Melo e Luís Urbano Afonso (eds.), *O fascínio do Gótico. Um tributo a José Custódio Vieira da Silva*. Lisboa: Artis / IHA-FLUL, pp. 87-104.

Tibúrcio, Catarina Martins (2015), «A memória no programa decorativo da *Crónica Geral de Espanha de 1344* de Lisboa», *Roda da Fortuna. Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medievo*, 4/2, pp. 154-182.

Tibúrcio, Catarina Martins (2018), «A moda no M.S.A. 1 da *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Contributo para a datação da iluminura», em José María Salvador González e Matheus Corassa da Silva (org.), *Mirabilia Ars*, 8/1, pp. 43-67.